

Christopher Pallis - David Goodway

Fonte: <https://libcom.org/files/1846310253.pdf>

Christopher Pallis foi o principal escritor, tradutor e pensador do Grupo Solidariedade, que foi o mais ativo e exerceu maior influência na Grã-Bretanha durante a década de 1960 e a primeira metade da década de 1970. Foi uma seção da Velha Esquerda que se separou para se tornar, como se pode ver agora, parte da Nova Esquerda, embora nunca tenha sido aceita como tal - especialmente porque quase imediatamente passou de qualquer marxismo reconhecível para uma posição totalmente libertária de esquerda, ao mesmo tempo em que se absteve da autodescrição de "anarquista". Pallis, em particular, sempre foi extremamente crítico em relação ao anarquismo e aos anarquistas, negando que ele próprio fosse um anarquista, ficando confortável apenas com a denominação de "socialista libertário". Devido à forma como seus escritos se situavam entre os polos do humanismo marxista e do anarquismo; devido ao fato de terem sido publicados predominantemente em publicações de estilo cíclico, nunca sendo reimpressos por editoras tradicionais; e devido à sua própria existência pseudônima como "Martin Grainger" e, especialmente, "Maurice Brinton", Pallis nunca recebeu o reconhecimento que a qualidade de sua produção política merece.

Embora no final dos anos 60 e início dos anos 70 a ambição do Solidariedade fosse inspirar um grande movimento por meio de seu exemplo - e, de fato, em um momento ou outro, pelo menos vinte e cinco grupos existiram em Londres e em outros lugares - em termos de números, seu número de membros nunca foi apreciável. Seu adepto mais conhecido foi, sem dúvida, Ken Livingstone, ex-líder do GLC (Conselho da Grande Londres) e atual prefeito de Londres, que em uma entrevista com Tariq Ali lembrou que no final dos anos sessenta

Por um curto período, participei de uma organização chamada Solidarity. Ela ainda está funcionando?

Quase...

Naquela época, já estava *quase* acontecendo! Mas eu não desempenhei um papel muito importante em suas deliberações¹.

¹ Ken Livingstone e Tariq Ali, 'Why Labour Lost', *New Left Review*, nº 140 (julho-agosto de 1983), p. 24.

No entanto, isso é não entender a questão. A importância do Solidarity não estava em seu tamanho, mas na excelência de suas publicações. O grupo foi inicialmente chamado de Socialism Reaffirmed (Socialismo Reafirmado) e seu periódico foi publicado pela primeira vez em outubro de 1960 com o título de *Agitator* (que lembrava as origens trotskistas da maioria dos membros fundadores do grupo), mas a partir da sexta edição (maio de 1961) passou a se chamar *Solidarity*. Parece significativo que tanto o IWW quanto o Shop Stewards' and Workers' Committee Movement - com suas políticas industriais muito semelhantes - tenham publicado periódicos com o mesmo nome. *A Solidarity*, com o surpreendente subtítulo *For Workers' Power (Pelo poder dos trabalhadores)*, foi publicada a cada dois ou quatro meses até 1977, quando houve uma fusão com o grupo *Social Revolution*, resultando na *Solidarity: For Social Revolution*. Por volta de 1982, o grupo original de Londres retomou a publicação do *Solidarity*, eventualmente adotando o subtítulo de *A Journal of Libertarian Socialism (Um Jornal de Socialismo Libertário)*, mas depois de trinta e uma edições da nova série, o jornal foi cancelado em 1992, e o grupo está extinto.

Paralelamente à revista, havia mais de sessenta panfletos impressionantes e quatro livros importantes. Foi por meio da circulação dos panfletos, em particular, que um público radical mais amplo tomou conhecimento das ideias do grupo; e foi por meio da excelência de sua revista, panfletos e livros em geral que *o Solidarity* exerceu influência significativa nas décadas de 1960 e 1970 entre anarquistas e socialistas libertários. Stuart Christie, por exemplo, atesta: 'O que mais me chamou a atenção (...) foram as ideias do Grupo Solidariedade, que agitavam, perturbavam e orientavam para a ação.'²

No entanto, por alguns meses no início da década de 1960, *o Solidariedade* exerceu um papel fundamental em nível nacional na formação da perspectiva da seção mais militante do movimento de desarmamento nuclear. A CND havia sido lançada em 1958, mas no outono de 1960 a insatisfação com seus métodos legais e ações constitucionais gerou dentro dela o Comitê dos 100 de ação direta. No Capítulo 12, vimos que as manifestações do Comitê tiveram seu auge em 17 de setembro de 1961, em Trafalgar Square, e que o fracasso, dois meses e meio depois, da manifestação de 9

² Stuart Christie, *My Granny Made Me an Anarchist: The Christie File: Part 1, 1946-1964* (Hastings: Christiebooks, 2nd edn, 2002), p. 133, e Stuart Christie, *Granny Made Me an Anarchist* (Londres: Scribner, 2004), p. 69.

de dezembro na base da OTAN em Wethersfield, Essex, levou à descentralização do Comitê em treze comitês regionais. O Comitê dos 100 de Londres tornou-se o órgão dominante e o grupo Solidariedade "uma das influências mais importantes" em 1962-3 e posteriormente. O historiador mais conceituado do movimento de desarmamento nuclear conclui: "Na prática, foi uma combinação de ativistas do *Solidariedade* e anarquistas que constituíram o núcleo duro militante do Comitê nesse período".³

O longo e rigoroso inverno de 1962-3, um dos piores do século XX, testemunhou uma crise renovada, agora representada no Comitê dos 100 de Londres. Os

radicais, principalmente do Solidariedade ou próximos a ele, circularam o documento de discussão com um título impressionante, 'Beyond Counting Arses', defendendo a ação subversiva radical: 'Devemos tentar impedir o estado de guerra de todas as formas possíveis.'⁴ Os Spies for Peace eram essencialmente esse grupo, localizando e entrando na Sede Regional do Governo (RSG) em Warren Row, Berkshire, e fazendo circular o panfleto *Danger! Segredo oficial: RSG-6*. Desse modo, muitos de nós na Marcha de Aldermaston na Páscoa de 1963 fomos desviados para explorar os sinistros prédios da superfície do bunker subterrâneo. O anarquista Nicolas Walter, como também já foi explicado, foi o único membro da Spies for Peace a se declarar publicamente (dos oito, duas eram mulheres). Por um curto período, ele esteve muito próximo do Solidariedade, participando de suas reuniões de grupo e escrevendo o Panfleto 15, *The RSGs, 1919-1963*, que detalhava o desenvolvimento histórico dos RSGs.

O diferencial da política do Solidariedade era basicamente duplo. Havia sua iconoclastia irreverente e bem-humorada de todas as ortodoxias da esquerda, cuja importância e novidade nunca são demais enfatizar, uma vez que os ideólogos presunçosos da extrema esquerda têm pouco senso do cômico. Isso foi combinado com a publicação dos escritos de "Paul Cardan":

... somos nós mesmos e nada mais. Vivemos aqui e agora, não em Petrogrado em 1917, nem em Barcelona em 1936. Não temos deuses, nem mesmo os revolucionários. Parafraseando Marx ("os filósofos apenas interpretaram o mundo; o que é necessário é mudá-lo"), poderíamos dizer que "os revolucionários apenas interpretaram Marx (ou Bakunin), o que é necessário é mudá-los".

³ Richard Taylor, *Against the Bomb: The British Peace Movement, 1958-1965* (Oxford: Clarendon Press, 1988), pp. 249-50.

⁴ 'Beyond Counting Arses', reimpresso em *Solidarity*, II, nº 11 [1963], p. 12.

Somos os produtos da degeneração da política tradicional e da revolta da juventude contra a sociedade estabelecida em um país industrial avançado na segunda metade do século XX. O objetivo deste livro é dar propósito e significado a essa revolta e fundi-la com a constante luta da classe trabalhadora por sua própria emancipação⁵.

Essa frase foi retirada da introdução do segundo livro do Solidarity, Cardan's *Modern Capitalism and Revolution* (1965). Além dos textos dele na revista, o Solidariiedade também publicou nove panfletos de Cardan: *Socialism Reaffirmed* (1960); *The Meaning of Socialism* (nº 6, setembro de 1961); *Socialism or Barbarism* (nº 11, 1962?); *The Crisis of Modern Society* (nº 23, 1966); *From Bolshevism to the Bureaucracy* (nº 24, 1967); *History and Revolution: A Revolutionary Critique of Historical Materialism* (nº 38, 1971); *Workers' Councils and the Economics of a Self-Managed Society* (nº 40, 1972); *Redefining Revolution* (nº 44, 1974); e *History as Creation* (nº 54, 1978)⁶. Com a publicação do último, "Paul Cardan" foi finalmente revelado como um dos pseudônimos de Cornelius Castoriadis ("Pierre Chaulieu" e "Jean-Marc Coudray" foram outros dois).

Kornelios Kastoriades nasceu em 1922 em Istambul (ou Constantinopla, como ainda era chamada), cresceu em Atenas, filiou-se ao Partido Comunista Grego na adolescência, mas migrou para o trotskismo durante a Segunda Guerra Mundial e participou da resistência contra a ocupação alemã. Ameaçado de morte por fascistas e stalinistas, ele fugiu para a França em 1945 e, como economista estatístico, tornou-se um funcionário de alto escalão da OEEC (Organização para a Cooperação Econômica Europeia), substituída em 1961 pela OECD (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico).

Em 1949, Castoriadis foi um dos editores fundadores da *Socialisme ou Barbarie*, que funcionou até 1965. Com o Situacionismo, o *Socialisme ou Barbarie* seria uma influência primordial nos eventos de maio de 1968: Daniel Cohn-Bendit, em particular, reconheceu de bom grado seu "plágio"⁷. Embora o futuro pós-modernista,

⁵ Paul Cardan, *Modern Capitalism and Revolution* (Londres: Solidariiedade, 1965), p. iii (reimpresso em David Goodway (ed.), *For Workers' Power: The Selected Writings of Maurice Brinton* (Oakland, CA: AK Press, 2004) [doravante *FWP*], p. 67).

⁶ Um décimo panfleto, *The Fate of Marxism* (n.d.), publicado pela *Solidarity* (Clydeside), reimprimiu um texto que havia sido publicado originalmente em *Solidarity*, IV, no. 3 (agosto de 1966).

⁷ Gabriel Cohn-Bendit e Daniel Cohn-Bendit, *Obsolete Communism: The Left-Wing Alternative* (Harmondsworth: Penguin, 1969), pp. 18-19. A resenha de Pallis sobre esse livro foi reimpressa em *FWP*, pp. 103-4.

Jean-François Lyotard, também fosse membro do grupo, o outro principal teórico do *Socialisme ou Barbarie* era Claude Lefort, até que ele se separou em 1958 para formar com outros o *Informations et Liaisons Ouvrières* (mais tarde transformado em *Informations et Correspondance Ouvrières*), que seria outra influência para Cohn-Bendit. Para o *Solidarity*, *Socialisme ou Barbarie* eram "nossos co-pensadores franceses"⁸.

Castoriadis não apenas considerava que o capitalismo ocidental estava se tornando cada vez mais autoritário por meio de um processo de burocratização que acabaria levando ao totalitarismo: um processo que impelia suas classes trabalhadoras à revolta. Ele também acreditava que, na União Soviética, a burocracia havia formado uma nova classe dominante - o que era crucial não era quem *possuía* os meios de produção, mas quem os *controlava*. O capitalismo russo era uma forma superior para a qual o capitalismo ocidental estava se desenvolvendo.

O proletariado "nunca se liberta completamente", *fora da produção*, "da influência do ambiente [capitalista] em que vive"; por outro lado: "No curso da produção, a classe cria constantemente os elementos de uma nova forma de organização social e de uma nova cultura". Assim, Castoriadis passou a defender uma sociedade *autogerida* por trabalhadores autônomos - uma prescrição que era central para a política do *Solidariedade* - e na França sua noção de *autogestão* passou a exercer um apelo considerável na década de 1970.

A Comuna de 1871, os Soviets de 1905 e 1917, os comitês de fábrica russos de 1917-1918, os conselhos de trabalhadores alemães de 1919 e 1920, os comitês de fábrica italianos de 1921, os conselhos criados pelos trabalhadores espanhóis em 1936-37 e os conselhos de trabalhadores húngaros de 1956 foram, ao mesmo tempo, órgãos de luta contra a classe dominante e seu Estado - e novas formas de organização social, baseadas em princípios radicalmente opostos aos da sociedade burguesa.

Essas citações foram extraídas da obra de Castoriadis "Prolétariat et organisation, I", que apareceu pela primeira vez em *Socialisme ou Barbarie*, em 1959, e foi traduzida como "Working Class Consciousness" em *Solidarity*, em 1962⁹. O

⁸ Consulte, por exemplo, *Solidarity*, II, nº 2 (junho de 1962), p. 28, e V, nº 12 (julho de 1969), p. 16.

⁹ *Solidarity*, II, no. 2 (abril de 1962), p. 26, e II, no. 3 (maio de 1962), p. 26 (as ênfases estão no texto original). Ver Cornelius Castoriadis, *Political and Social Writings* [doravante *PSW*], ed., David Ames Curtis (Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 3 vol., 1988-93), II, pp. 193-222. David Ames Curtis (Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 3 vols., 1988-93), II, pp. 193-222 (especialmente pp. 198, 200). Cf. Cardan, *Modern Capitalism and Revolution*, pp. 3-4.

Solidarity o considerou uma "declaração tão básica de nossos pontos de vista" que rompeu com o costume ao reimprimi-lo sete anos depois¹⁰. "Meios de luta contra a classe dominante e seu Estado... novas formas de organização social, baseadas em princípios radicalmente opostos aos da sociedade burguesa": esse é o tipo de potencial que o *Solidarity* concebeu como tendo o Comitê dos 100¹¹. Também deve ficar claro que a posição de Castoriadis nesse artigo é indistinguível do anarquismo.

Em 1970, Castoriadis se aposentou da OCDE, tornando-se cidadão francês e depois (em 1974) psicanalista. Ele começou a reimprimir seus primeiros escritos políticos e, pela primeira vez, a escrever livros, agora usando seu nome verdadeiro. Em vez de defender o "socialismo", no final da década de 1970 ele passou a usar o termo "sociedade autônoma", mas o *Solidariedade*, que havia seguido seu rastro teórico, não fez o mesmo. Ele morreu em Paris em 1997¹².

Embora um solidarista americano chamado Owen Cahill tenha feito algumas das primeiras traduções de Cardan, elas sempre foram revisadas por Pallis que, de qualquer forma, escreveu todas as introduções e traduziu a maior parte dos textos. Pallis e Ken Weller eram - e continuaram sendo - as principais figuras de um grupo talentoso. Weller era um jovem engenheiro londrino e delegado sindical da AEU (Amalgamated Engineering Union). Foi ele o grande responsável pela extensa cobertura e análise industrial do *Solidarity*, pela qual, na década de 1960, parecia mais provável que o grupo fosse lembrado principalmente.

¹⁰ *Solidarity*, VII, nº 12 (julho de 1969), p. 8.

¹¹ Cf. Taylor, pp. 252-3.

¹² A literatura secundária, pelo menos em inglês, sobre *Socialisme ou Barbarie* e Castoriadis é limitada e pouco confiável. Ela teve um início ruim com George Lichtheim, *Marxism in Modern France* (Nova York e Londres: Columbia University Press, 1966), pp. 132n, 183n, que foi severamente analisado por Pallis em *Solidarity*, IV, no. 10 (novembro de 1967). A primeira edição de Dick Howard, *The Marxian Legacy* (Basingstoke e Londres: Macmillan, 2ª ed., 1988), caps. 7 e 8, e pp. 306-33, é ainda mais decisivamente descartada por E.P. Thompson, *The Poverty of Theory and Other Essays* (Londres: Merlin Press, 1978), p. 396 n167. Há também Richard Gombin, *The Origins of Modern Leftism* (Harmondsworth: Penguin, 1975), pp. 32-9, 97-105, 112-17; Mark Poster, *Existential Marxism in Postwar France: From Sartre to Althusser* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1975), pp. 172-3, 202-5; Richard Gombin, *The Radical Tradition: A Study in Modern Revolutionary Thought* (Londres: Methuen, 1978), pp. 41-3; Alex Callinicos, *Trotskyism* (Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1990), pp. 66-72; e Sunil Khilnani, *Arguing Revolution: The Intellectual Left in Postwar France* (New Haven e Londres: Yale University Press, 1993), especialmente pp. 67-9, 128-30, 149-51, 181-3. Muito mais gratificantes são André Liebich, 'Socialisme ou Barbarie: A Radical Critique of Bureaucracy', *Our Generation*, XII, no. 2 (outono de 1977); Alex Richards, 'The Academicization of Castoriadis', *Edinburgh Review*, nos. 78-9 (1988); e, acima de tudo, dois textos primários: 'An Interview with C. Castoriadis', *Telos*, no. 23 (primavera de 1975), e 'An Interview with Claude Lefort', *Telos*, no. 30 (inverno de 1976-7). Os obituários de Castoriadis apareceram no *Guardian*, em 31 de dezembro de 1997; no *The Times*, em 28 de janeiro de 1998; *Freedom*, 2 de fevereiro de 1998; *Anarchist Studies*, VI, no. 1 (março de 1998), pp. 93-4; *Revolutionary History*, VII, no. 2 (1999), pp. 219-21. Veja também a avaliação de Takis Fotopoulos, "Castoriadis and the Democratic Tradition", *Democracy and Nature*, no. 10 (1998).

Christopher Agamemnon Pallis - Chris Pallis, como sempre foi conhecido - foi um intelectual extremamente talentoso, cuja carreira foi semelhante à de Castoriadis em vários pontos. Ele nasceu em Bombaim, em 1923, em uma distinta família anglo-grega, de cujas realizações intelectuais sempre se orgulhou imensamente. Seu avô, o Major-General Agamemnon Pallis, foi Ajudante de Campo e Chefe da Casa Militar do Rei Constantino da Grécia. O irmão de Agamemnon Pallis, Alexandros, foi poeta e figura central do movimento literário demótico na Grécia - foi sua tradução do Novo Testamento para o grego demótico que provocou os sangrentos motins evangélicos de 1901 em Atenas¹³. Alexandros Pallis, que na década de 1890 se estabeleceu em Liverpool, onde viria a se tornar cônsul grego, e cujo filho Marco se tornou um notável viajante tibetano - autor de *Peaks and Lamas* (1948) - e uma autoridade em budismo, havia trabalhado anteriormente na Índia para a Ralli Brothers, a empresa familiar de banqueiros comerciais¹⁴. O pai de Chris Pallis, Alec, era gerente geral da Ralli Brothers em Bombaim e, quando decidiu se aposentar e voltar para a Europa, optou por viver na Suíça e, como consequência, seu filho recebeu a maior parte de seus estudos lá, tornando-se fluente não apenas em inglês e grego, mas também em francês. Foram as experiências de Pallis no Collège Classique et Gymnase, em Lausanne, onde os alunos incluíam meninos de classes muito diferentes, que despertaram seu senso de justiça social e o converteram ao socialismo. Em 1940, a família conseguiu pegar o último barco da França e passou a residir na Inglaterra.

Em 1941, Pallis foi para o Balliol College, em Oxford, para estudar medicina e imediatamente se filiou ao Partido Comunista da Grã-Bretanha, mas foi expulso quase que imediatamente por conta de suas críticas à política do partido na Segunda Guerra Mundial. Assim, ele passou a apoiar o trotskismo e o Partido Comunista Revolucionário (RCP). Em maio de 1945, o RCP disputou a mítica eleição parcial de Neath (para os trotskistas) e a Special Branch informou que Pallis discursou sob o primeiro de seus pseudônimos: aparentemente "N. Kastings"¹⁵. A partir de 1947 (quando, no entanto, o RCP estava se desintegrando), a busca por sua carreira médica levou à interrupção

¹³ Ver C.A. Trypanis, *Greek Poetry: From Homer to Seferis* (Londres: Faber & Faber, 1981), pp. 663-4; Philip Carabott, "Politics, Orthodoxy and the Language Question in Greece: The Gospel Riots of November 1901", *Journal of Mediterranean Studies*, III (1993).

¹⁴ Consulte também o verbete do *Oxford Dictionary of National Biography* sobre a botânica e ecologista Marietta Pallis, filha de Alexandros.

¹⁵ Arquivos Nacionais, Kew: Home Office Papers 45/25486. Ted Crawford, a quem devo essa referência, sugere um erro de digitação do Special Branch e que "N. Hastings" é muito mais provável. Sobre a eleição parcial de Neath, consulte Sam Bornstein e Al Richardson, *War and the International: A History of the Trotskyist Movement in Britain 1937-1949* (Londres: Socialist Platform, 1986), pp. 136-40.

completa da atividade política por uma década. No ano anterior, ao voltar do sul da França, ele conheceu Jeanne Marty, uma estudante universitária da classe trabalhadora (o pai dela era funcionário dos correios de Paris), no trem para Paris. Eles se casaram em 1947 e foram companheiros inseparáveis até sua morte em 2005.

Seus estudos clínicos foram realizados no Radcliffe Infirmary, em Oxford, e depois trabalhou como médico hospitalar, primeiro em 1947-50 para o Serviço Médico do Governo na Malásia, onde seu interesse existente em medicina tropical mudou para neurologia, e depois em Cardiff, de 1953-7, onde concluiu seu doutorado sobre "Anomalias da Junção Crânio-Vertebral". Ele se mudou para Londres em 1957 e, no ano seguinte, assumiu o cargo de consultor em neurologia no Hammersmith Hospital, tornando-se também professor na Royal Medical Postgraduate School, da Universidade de Londres. Nesse local, ele trabalhou até sua aposentadoria em 1982 como professor e chefe do Departamento de Neurologia.

Ao chegar a Londres, ele entrou em contato com o grupo que se tornaria o SLL em 1959. Sob a liderança autocrática de Gerry Healy, esse grupo logo começou a sofrer uma hemorragia com a perda de muitos de seus membros mais capazes. Refletindo sobre as bizarrices do SLL (mais tarde renomeado como Partido Revolucionário dos Trabalhadores), o historiador da Nova Esquerda, John Saville, comenta "O trotskismo era anti-stalinista, é claro, mas seus credos eram dogmáticos, inflexíveis e sectários em um grau notável..."¹⁶ Em 1960, Pallis, como membro do comitê nacional do SLL, participou da expulsão de um grupo que continha Ken Weller, mas em poucos meses ele também se separou junto com o organizador industrial do SLL, Bob Pennington. Pallis já conhecia o *Socialisme ou Barbarie* e, junto com Weller, Pennington, mais ex-membros do SLL e alguns outros socialistas dissidentes, formou, com base na crítica ao bolchevismo feita pelo periódico francês, o grupo libertário Socialism Reaffirmed, que seria rebatizado de Solidarity.

Pallis manteve o pseudônimo de "Martin Grainger" de seu ativismo no SLL e, como tal, em 1961, contribuiu com o diário para um panfleto sobre a Greve Geral Belga de 1960-1 e escreveu um longo artigo sobre a Comuna de Paris com Philippe Guillaume (do *Socialisme ou Barbarie*)¹⁷. No verão de 1961, entretanto, ele foi exposto pela

¹⁶ John Saville, *Memoirs from the Left* (Londres: Merlin Press, 2003), p. 114. Sobre o SLL e suas origens, consulte Terry Brotherstone e Geoff Pilling (eds.), *History, Economic History and the Future of Marxism: Essays in Memory of Tom Kemp (1921-1993)* (Londres: Porcupine Press, 1996), cap. 12, e também pp. 9-10, 359 n4. 12, e também pp. 9-10, 359 n4.

¹⁷ Ambos estão incluídos em *FWP*, pp. 21-40, 51-60.

imprensa, com o *Daily Mail* revelando o "Segredo do Dr. Pallis": "ELE É "MARTIN GRAINGER", LÍDER DO MOVIMENTO DE GREVE INDUSTRIAL". Se ele não estivesse no Hammersmith, onde havia, de forma incomum para a profissão médica, um grupo de simpatizantes de esquerda, ele poderia muito bem ter perdido seu emprego¹⁸. Depois disso, abandonando o nome "Martin Grainger", todos os seus escritos políticos e traduções eram anônimos ou assinados "Maurice Brinton" ou "M.B."¹⁹. De forma incomum, creio eu, nem "Martin Grainger" nem "Maurice Brinton" foram escolhidos por qualquer associação em particular, sendo que ambos os compostos provavelmente foram reunidos por meio de uma busca aleatória na lista telefônica. E, ao contrário de Cornelius Castoriadis, ele nunca desejou usar seu nome verdadeiro. A seleção substancial de seus escritos políticos, *For Workers' Power*, publicada três meses antes de sua morte em 2005, só foi permitida com a estrita condição de que seu nome verdadeiro não fosse revelado. O trauma de 1961 e o risco de sua carreira neurológica induziram a uma certa paranoia. Embora ele tenha sido novamente revelado em 1974, dessa vez como "Maurice Brinton", a essa altura seu extremismo político era tão bem conhecido e sua posição profissional tão segura que seu cargo não estava de forma alguma ameaçado²⁰.

Embora os escritos de Pallis para o *Solidariedade* e suas publicações associadas tenham se estendido por mais de duas décadas, ele não considerava que tivesse contribuído pessoalmente de forma teórica, considerando-se apenas o tradutor e transmissor das ideias de Castoriadis, bem como um ativista que buscava sua aplicação prática. Em que consiste, então, a conquista de Pallis?

Primeiro, ele foi avaliado (por Richard Taylor) como "o indivíduo mais dominante" dentro do *Solidariedade* e, por alguém ainda mais bem posicionado para saber, Nicolas Walter, seu "principal líder" ou "figura principal"²¹. Tudo isso é reconhecido por Ken Weller, considerado por Pallis não apenas seu amigo político mais próximo, mas seu melhor amigo *tout court*, sentimentos que são totalmente recíprocos.

¹⁸ *Daily Mail*, 13 de julho de 1961. Consulte também *ibid.*, 3, 14, 15 de julho de 1961; *Sunday Telegraph*, 2, 9, 16 de julho de 1961. Uma semana após o nome do *Mail*, uma defesa robusta de "Martin Grainger" de suas atividades foi publicada no *Tribune* (21 de julho de 1961). (Todos esses itens aparecem no primeiro (1960-7) de dois arquivos de recortes de imprensa do *Solidarity*, em posse de Jeanne Pallis - a quem e a seu filho Michael devo muitos dos detalhes familiares e pessoais).

¹⁹ A primeira aparição de "Maurice Brinton" é como autor de "Danger! Party Hacks at Work" em *Solidarity*, II, no. 10 (abril de 1963).

²⁰ Recortes de imprensa do *Solidarity*, 1968-75.

²¹ Taylor, p. 250; NW, "Obituary: Cornelius Castoriadis", *Freedom*, 7 de fevereiro de 1998; NW, "Cornelius Castoriadis", *Freedom*, 15 de agosto de 1998.

Em segundo lugar, Pallis foi o tradutor *criativo* de Castoriadis, apresentando-o assim, quando era conhecido como Paul Cardan, ao mundo anglófono (e, de fato, além dele). Com exceção dos quatro itens (artigos e/ou panfletos) extraídos de 'Marxism and Revolutionary Theory', que vieram a formar a Parte 1 do livro principal, *L'Institution imaginaire de la société* (1975)²², todas as traduções de Pallis foram utilizadas na enorme edição em três volumes de David Ames Curtis - embora abrangendo apenas 1946-79 - dos *Political and Social Writings*. De fato, Curtis chega ao ponto de dedicar seu substancial e útil Castoriadis Reader a "Maurice Brinton"²³. Mas Pallis acrescentou e subtraiu dos textos densos e frequentemente obscuros de Castoriadis, tornando-os acessíveis aos militantes políticos, não apenas da classe trabalhadora, mas também da classe média. Suas traduções foram, como Walter comentou, "muitas vezes melhoradas em relação aos originais [de Paul Cardan]"²⁴. O próprio Pallis explicou certa vez:

Nosso texto é uma tradução fiel (mas nem sempre literal) do original francês. O ambiente em que nosso panfleto será distribuído e discutido é diferente daquele do artigo de 1957. Durante todo o tempo, nossa principal preocupação foi transmitir conceitos essenciais para um público o mais amplo (e não especializado) possível. Em grande parte, isso influenciou nossa escolha de redação e estrutura de frases. Os parágrafos foram encurtados. Foram acrescentados vários títulos de seções e capítulos. Algumas notas de rodapé adicionais foram inseridas (claramente indicadas como notas de rodapé *do Solidariedade*). Uma ou duas das notas de rodapé originais foram omitidas, e uma ou duas outras foram incorporadas ao texto propriamente dito, que foi ligeiramente reduzido²⁵.

Em contraste, Curtis abandonou os elementos de popularização de Pallis e voltou aos originais, apesar de sua frequente turgescência.

Em terceiro lugar, Pallis escreve muito bem: ele é animado, seu estilo é incisivo e acessível, e possui um senso de humor perverso. São especialmente dignos de nota seus relatos vívidos de testemunhas oculares de surtos de autoatividade popular: a greve geral belga de 1960-1, Paris em maio de 1968 e Portugal rural e urbano em 1975 e

²² Traduzido por Kathleen Blamey como Cornelius Castoriadis, *The Imaginary Institution of Society* (Cambridge: Polity Press, 1987). Consulte C. Castoriadis, *History as Creation* (Londres: Solidarity (London), 1978), p. 2, para obter os detalhes da publicação. Além disso, há P. Cardan, "Listen, Psychiatrist", *Solidarity*, VIII, no. 7 (agosto de 1977).

²³ David Ames Curtis (ed.), *The Castoriadis Reader* (Oxford: Blackwell, 1997), p. xvi.

²⁴ NW, "Cornelius Castoriades", *Freedom*, 15 de agosto de 1998.

²⁵ "Our Preface", [Pierre Chaulieu] *Workers' Councils and the Economics of a Self-Managed Society* (Londres: Solidarity (London), 1972), p. 2n.

1976. Ele foi um crítico e polemista impiedoso. E, embora em controvérsias ele pareça se prender a detalhes minuciosos, como em "France: The Theoretical Implications", '*Solidarity*' and the Neo-Narodniks and 'Factory Committees and the Dictatorship of the Proletariat' - ele sempre avança para uma generalização tão ousada e impressionante que o esforço de seguir seu argumento é totalmente recompensado²⁶. Uma limitação definitiva, entretanto, é a repetitividade da prosa de Pallis. Por exemplo, em três dos artigos reimpressos em *For Workers' Power*, ele cita a frase de Spinoza, "nem para rir nem para chorar, mas para entender", e a esplêndida passagem já citada da introdução de *Modern Capitalism and Revolution*, de Cardan, reaparece em *As We Don't See It* como

Não queremos deuses, nem mesmo os dos panteões marxista [*sic*] ou anarquista. Não vivemos nem na Petrogrado de 1917 nem na Barcelona de 1936. Somos *nós mesmos*: o produto da desintegração da política tradicional, em um país capitalista avançado, na segunda metade do século XX²⁷.

É preciso lembrar que Pallis estava seguindo uma carreira bem-sucedida e concorrida como cientista médico, e todos os seus escritos políticos eram produto de seu tempo livre. Nesse aspecto (e em outros aspectos definidores, como sua preocupação com a sexualidade e com a aplicação do método científico à esfera sociopolítica) ele se assemelha ao seu contemporâneo anarquista, Alex Comfort. Pois Comfort também era, como vimos no Capítulo 11, um grande reciclador de material publicado anteriormente e repetidor de frases bem elaboradas. É preciso insistir também no fato de que Pallis escreveu sem pensar em uma eventual republicação em um volume como *For Workers' Power*. Se ele tivesse podido editá-lo pessoalmente, teria sido muito interessante ver a quantidade de cortes e reescritas a que ele teria submetido sua prosa. De qualquer forma, o jornalista socialista Paul Anderson, que estava lendo *For Workers' Power* quando soube da morte de Pallis, afirma: "Fiquei impressionado com o quanto ainda achava sua escrita empolgante. O estilo de Brinton é aforístico, sua abordagem da sabedoria recebida é desdenhosa, sua erudição é aparente, mas nunca intrusiva. Poucos escritores políticos são emocionantes: Brinton era, e ainda é". Anderson afirma que Pallis, por meio de seus próprios escritos e de suas traduções de Castoriadis, teve um

²⁶ Esses três textos estão reimpressos em *FWP*, pp. 95-101, 117-31 e 169-78, respectivamente.

²⁷ *As We Don't See It* (Londres: Solidarity (Londres) [1972]), p. 20 (reimpresso em *FWP*, p. 159) (ênfase de Pallis). Sobre a etiqueta de Spinoza, consulte *FWP*, pp. 66, 187, 268.

impacto maior em sua visão política do que qualquer outra pessoa além de seu avô (um tipógrafo marxista) e Orwell²⁸.

Por fim, apesar de sua isenção de responsabilidade, Pallis *foi* responsável pelo trabalho original, em certas áreas indo além de Castoriadis. *The Irrational in Politics (O Irracional na Política)*, como um livreto publicado originalmente em 1970 logo se tornou conhecido pelo título abreviado, explora o papel da repressão sexual e do condicionamento autoritário na geração de conformidade sociopolítica, sendo considerado por um crítico como o melhor trabalho do Solidarity até o momento²⁹. Embora derivado de Wilhelm Reich (como Pallis reconhece plenamente), ele está aqui investigando a questão central do proletariado, fora da produção, nunca se libertando "completamente da influência do ambiente em que vive". Ele é capaz, de forma muito convincente, de apontar a permissividade sexual dos anos 1960 como um grande avanço no "enfraquecimento da tradição" e no término de um ciclo vicioso. Enquanto "para Reich qualquer liberdade sexual em larga escala era inconcebível dentro da estrutura do capitalismo", "a mudança nas atitudes tradicionais está ganhando impulso e se tornando mais explícita de uma maneira que o teria surpreendido e encantado"³⁰. Por outro lado, o pessimismo de apenas quatro anos depois em sua análise (na qual há um raro vislumbre de sua experiência profissional) de *The Failure of the Sexual Revolution (O fracasso da revolução sexual)* de George Frankl precisa ser levado em consideração³¹. Embora eu considere pessoalmente decepcionante o manuseio dos materiais e o desenvolvimento das ideias de Pallis em *The Irrational in Politics*, ele estava lidando com uma questão de importância central e, além disso, uma questão que poucos ou nenhum grupo de esquerda contemporâneo teria considerado política³².

Também datado de 1970 é o *chef d'oeuvre* de Pallis, que Castoriadis avaliou, com razão, como "notável"³³. Trata-se de *The Bolsheviks and Workers' Control, 1917-1921: The State and Counter-Revolution*, que originalmente apareceu como um livro de 100 páginas, traçando a obliteração dos Comitês de Fábrica russos de 1917-18,

²⁸ Paul Anderson, 'A Socialist for All Seasons', *Tribune*, 25 de março de 2005 (<http://libsoc.blogspot.com>).

²⁹ *Socialist Leader*, 27 de junho de 1970 (em recortes de imprensa do *Solidarity*). Consulte também *Anarchy*, 2nd series, no. 1 (fevereiro de 1971) para ver uma resenha apreciativa, embora crítica, de Marshall Coleman.

³⁰ M.B., *Authoritarian Conditioning, Sexual Repression and the Irrational in Politics* (Londres: Solidarity (North London), 1970), p. 24 (*FWP*, p. 276). Para Castoriadis sobre sexualidade e criação de filhos, consulte *PSW*, III, pp. 15-16, 56-63.

³¹ Para essa análise, consulte *FWP*, pp. 149-51.

³² Devo essa formulação a um antigo Solidarista, Paul Gordon.

³³ *PSW*, III, p. 105 n 17.

de modo que em 1921 as fábricas e os sindicatos russos estavam subordinados ao novo Estado bolchevique e ao partido: "Em 1917, foi proclamado que "todo cozinheiro deveria aprender a governar o Estado"". Em 1921, o Estado era claramente poderoso o suficiente para governar todos os cozinheiros! Extraordinariamente, mas de forma significativa, essa tarefa tão necessária não havia sido tentada anteriormente, e as conclusões (anarquistas) corretamente tiradas são:

A questão básica: quem gerencia a produção após a derrubada da burguesia? deve, portanto, tornar-se o centro de qualquer discussão séria sobre o socialismo. Hoje, a velha equação (liquidação da burguesia = estado operário) popularizada por inúmeros leninistas, stalinistas e trotskistas simplesmente não é boa o suficiente³⁴.

Em seu estimulante *Rethinking the Russian Revolution (Repensando a Revolução Russa)*, o conceituado russo Edward Acton, analisando a interpretação libertária da Revolução, cita *The Bolsheviks and Workers' Control (Os Bolcheviques e o Controle dos Trabalhadores)* mais vezes do que qualquer um de Berkman, Voline, Arshinov ou Maximoff. Esse é um tributo e tanto³⁵.

Pallis é bem conhecido nos círculos libertários por Paris: *May 1968*, *The Irrational in Politics* e *The Bolsheviks and Workers' Control*, três publicações que foram amplamente lidas e admiradas e que passaram por várias edições. No caso de *The Irrational in Politics*, nos cinco anos após sua primeira publicação, ele foi traduzido para o francês, alemão, sueco e grego e publicado nos EUA, Canadá e Austrália³⁶. Em pouco mais de três anos, *The Bolsheviks and Workers' Control* foi traduzido para o francês, holandês, alemão, sueco, espanhol, grego e japonês³⁷. *Paris: May 1968* não foi apenas o primeiro panfleto (ou livro) a ser publicado - já em junho de 1968 -, mas

³⁴ Maurice Brinton, *The Bolsheviks and Workers' Control, 1917-1921: The State and Counter-Revolution* (Londres: Solidarity (North London) [1970]), pp. xiii, 83 (*FWP*, pp. 302, 376) (ênfase no original).

³⁵ Edward Acton, *Rethinking the Russian Revolution* (Londres: Edward Arnold, 1990), pp. 177-81. Consulte também *ibid.*, p. 43. O trotskismo, por outro lado, na pessoa de Chris Harman, afirmou que Pallis "distorce o significado das discussões e oculta fatos", descartando seu livro como "de pouca ajuda para revolucionários sérios que tentam chegar a um acordo sobre como a revolução acabou sendo perdida" (*International Socialism*, no. 49 (outono de 1971), pp. 30-1) (em recortes de imprensa do Solidarity). A resposta selvagem de Pallis não foi impressa no *International Socialism*, mas circulou por ele no folheto "I.S. and *The Bolsheviks and Workers' Control*" (Londres: Solidarity, abril de 1972). Sobre o apoio de Nicolas Walter, consulte *Freedom*, 1º de janeiro de 1972.

³⁶ Maurice Brinton, *The Irrational in Politics* (Londres: Solidarity (London), 1975 edn), pp. 2-3. Em 'On the Solidarity Wavelength', Pallis pesquisou as traduções até o início da década de 1970 dos panfletos do Solidarity para o sueco e o japonês (*Solidariedade*, VII, 4 (dezembro de 1972) e VII, no. 5 [1973]).

³⁷ *La Quinzaine Littéraire*, n° 178 (1 a 15 de janeiro de 1974). Para uma resenha entusiasmada da edição espanhola, consulte *Frente Libertario*, no. 29 (março de 1973). (Esses dois itens podem ser encontrados nos arquivos de recortes de imprensa do Solidarity).

continua sendo um dos melhores relatos de participantes sobre "os eventos na França", e um crítico, mais tarde naquele ano, o aclamou por dar "a imagem mais clara possível do que estava realmente acontecendo. Ele conseguiu, de alguma forma, capturar o sabor e a essência do movimento inspirador que estava ocorrendo. Como nenhuma outra publicação... ela carrega consigo o próprio cheiro do gás lacrimogêneo, as próprias entranhas da revolução."³⁸

Pallis foi um escritor prolífico, e uma lista provisória de suas publicações políticas pós-trotskistas resultou em cerca de 110 itens, sejam artigos, panfletos, resenhas de livros e filmes ou traduções (além disso, há muitos artigos anônimos que, décadas depois, não é possível atribuir com certeza, bem como panfletos fugitivos)³⁹. Muitos deles não seriam inteiramente de sua autoria. Os editoriais do *Solidariedade*, declarações como *As We See It* e *As We Don't See It* e introduções, todos eles circulariam dentro do grupo para serem criticados e reescritos: o *Solidariedade* não apenas defendia a ultrademocracia libertária, mas a praticava de fato. Esse foi um dos principais motivos pelos quais Pallis desejava manter seu pseudônimo e, em um sentido muito real, seu anonimato, considerando-se apenas o comunicador da posição e da análise coletiva do grupo.

Em 1960, Pallis abandonou o SLL e rejeitou o trotskismo, passando a redigir o folheto "Socialism Reaffirmed", datado de outubro de 1960. O fato de esse documento ser totalmente libertário pode parecer extraordinário, até que se lembre de que ele já conhecia o *Socialisme ou Barbarie*; e, de fato, ao mesmo tempo, um artigo de Castoriadis do *Socialisme ou Barbarie*, nº 1, foi publicado com o mesmo título, *Socialism Reaffirmed*, como o primeiro panfleto do novo grupo⁴⁰. No panfleto, "a contradição fundamental da sociedade contemporânea" é identificada como "sua divisão entre aqueles que possuem, administram, decidem e dirigem, e a maioria que... tem de trabalhar e é forçada a cumprir decisões que não foram tomadas por eles mesmos". O que a classe trabalhadora exige é "uma organização revolucionária, não como sua liderança automeada, mas como um instrumento de sua luta". Essa organização "deve

³⁸ *Guerilla* (Manchester), no. 2 (17 de outubro de 1968) (recortes de imprensa do *Solidarity*).

³⁹ No entanto, estou muito grato à ajuda de Ken Weller nesse e em outros assuntos.

⁴⁰ Não consegui localizar uma cópia desse panfleto - nem mesmo Pallis guardou uma em seus arquivos - mas o texto está incluído em Castoriadis, *PSW*, I, pp. 76-106 (embora Curtis esteja incorreto ao afirmar que a tradução para o inglês foi feita por Bob Pennington).

antecipar o futuro socialista da sociedade, em vez de espelhar seu passado capitalista", sendo que os três critérios são que "os órgãos locais tenham a mais completa autonomia", que a democracia direta seja praticada sempre que possível e que "todos os órgãos centrais com poder de decisão que envolva outros sejam constituídos por *delegados*, sendo estes *eleitos* por aqueles que representam e *revogáveis* por eles, a *qualquer* momento"⁴¹. Esses pontos, bem como outros do folheto, seriam reiterados nos anos seguintes, reaparecendo constantemente.

Em "Socialism Reaffirmed", Pallis cita pela primeira vez um de seus ditados favoritos de Marx: "A emancipação da classe trabalhadora é tarefa dos próprios trabalhadores". Ele também rebate a insistência de Lênin, à qual ele retornaria continuamente, de que "os trabalhadores só podem desenvolver uma consciência sindical", argumentando que a classe trabalhadora é "capaz de se elevar aos mais altos níveis de consciência revolucionária e desafiar a própria base de todos os regimes de exploração", apontando para suas conquistas na Comuna de Paris, nas Revoluções Russas de 1905 e 1917, na Revolução Espanhola e na Revolução Húngara, um catálogo que ele repetiria e ampliaria⁴².

Outro tema importante abordado por Pallis em "Socialism Reaffirmed" não é apenas o fato de as organizações sindicais e políticas da classe trabalhadora terem se degenerado, expressando "interesses sociais não proletários", mas também o fato de essa degeneração ter "uma base subjetiva na imposição de métodos capitalistas de pensamento e organização nas fileiras do movimento trabalhista". Isso ele desenvolveu no ano seguinte em "Revolutionary Organization":

A sociedade exploradora incentiva conscientemente o desenvolvimento de uma psicologia de massa no sentido de que as ideias ou desejos das pessoas comuns não são importantes e que todas as decisões importantes devem ser tomadas por pessoas especialmente treinadas e equipadas para isso.... Todos os grupos dominantes da sociedade moderna incentivam a crença de que a tomada de decisões e o gerenciamento são funções que estão além da compreensão das pessoas comuns. Todos os meios são usados para promover essa ideia. Não somente a educação formal, a imprensa, o rádio, a televisão e a igreja perpetuam esse mito, mas até mesmo os partidos da chamada oposição o aceitam e, ao fazê-lo, dão-lhe força. Todos os partidos políticos de "esquerda" (...) se opõem à ordem atual apenas oferecendo líderes "melhores", mais

⁴¹ *FWP*, pp. 18-19 (ênfase de Pallis).

⁴² *Ibid.*, pp. 17-18.

"experientes" e mais capazes de resolver os problemas da sociedade do que aqueles que administram mal o mundo atual.

E assim:

O Partido Trabalhista, o Partido Comunista e as várias seitas trotskistas e leninistas exaltam as virtudes dos políticos ou revolucionários profissionais. Todos praticam uma divisão rígida em suas próprias organizações de líderes e liderados. Todos acreditam fundamentalmente que o socialismo será instituído de cima para baixo e por meio de sua própria agência particular.

Cada um deles vê o socialismo como nada mais do que a conquista do poder político e a transformação, por decreto, das instituições econômicas. Os instrumentos do socialismo, a seu ver, são a nacionalização, o controle estatal e o "plano"⁴³.

Quinze anos depois, ao apresentar o livro *Portugal, de Phil Mailer: The Impossible Revolution*, de Phil Mailer, Pallis refletiu sombriamente sobre

o risco de que os levantes genuinamente radicais sejam desviados para os canais capitalistas estatais. É o perigo de que qualquer nova criação (no campo das ideias, dos relacionamentos ou das instituições) seja imediatamente atacada, penetrada, colonizada, manipulada e, por fim, deformada por hordas de "revolucionários profissionais" sedentos de poder... Essas pessoas trazem consigo atitudes e padrões de comportamento profundamente (se não sempre conscientemente) moldados pela noção de Lênin de que os trabalhadores, deixados a si mesmos, "só podem desenvolver uma consciência sindical". Suas práticas organizacionais atuais e suas prescrições para o futuro são burocráticas até o âmago... Sua preocupação com a liderança destrói a iniciativa. Sua preocupação com a linha correta desestimula o experimento. Sua obsessão com o passado é uma praga para o futuro. Eles criam em torno de si um terreno baldio de cinismo e repulsa, de esperanças destruídas e desilusão, que reforça o dogma mais profundo da sociedade burguesa, ou seja, que as pessoas comuns são incapazes de resolver seus próprios problemas, por si mesmas e para si mesmas.

Sua previsão era de que "em futuros levantes, os revolucionários tradicionais se mostrarão "parte do problema, não parte da solução"". Em contraste, as revoluções do

⁴³ *Ibid.*, p. 18; Martin Grainger, 'Revolutionary Organization', *Agitator*, I, no. 4 [março de 1961], p. 2, e I, no. 5 [abril de 1961], p. 1 (*FWP*, pp. 41-2, 44).

passado poderiam ser derrotadas por aqueles cujos privilégios elas buscavam destruir - como aconteceu com a Comuna de Paris, a Alemanha em 1918-19, a Espanha e a Hungria - ou "poderiam ser destruídas por dentro, por meio da degeneração burocrática (como aconteceu com a Revolução Russa de 1917)"⁴⁴ .

É com esse último - a degeneração da Revolução Russa - que Pallis é obcecado em seus escritos (e quando o encontrei pela primeira vez em 1963, convidando-o para falar ao Oxford Anarchist Group, esse foi o tópico que ele escolheu). Em 1961, ele introduziu para o *Solidarity* a seção sobre Kronstadt das *Memórias do Revolucionário* de Victor Serge (uma obra importante que não estava disponível em inglês na época), e isso foi posteriormente publicado como um panfleto, *Kronstadt, 1921*. Em 1962, seguiu-se sua impressionante edição de *The Workers' Opposition* (Panfleto 7), de Alexandra Kollontai, reimpresso pela primeira vez em inglês desde sua publicação original em 1921 no *Workers' Dreadnought*, de Sylvia Pankhurst, como "uma contribuição para a grande discussão que está ocorrendo agora sobre "o que deu errado""⁴⁵ . Em seguida, Pallis produziu a primeira tradução para o inglês de *The Kronstadt Commune* (Panfleto 27), de Ida Mett. Por fim, em 1970, publicou o excelente e muito original *The Bolsheviks and Workers' Control*, seu estudo sobre como os bolcheviques derrotaram a revolução nas fábricas.

Essa preocupação incessante com a Revolução Russa - enquanto a conquista da Revolução Espanhola é mencionada apenas de passagem - pode deixar perplexos os leitores familiarizados apenas com a política mundial desde o colapso do comunismo, mas aqueles que se lembram de qualquer parte do período entre 1917 e 1989 atestarão como a análise do aparente "socialismo realmente existente" da Rússia, da China e de seus estados escravocratas satélites foi fundamental não apenas para os stalinistas, trotskistas e outros marxistas-leninistas, mas até mesmo para os anarquistas e social-democratas. De qualquer forma, as duas décadas de trotskismo de Pallis e sua crença, durante esses anos, de que a União Soviética era um "estado operário deformado" claramente moldaram sua mentalidade - e seu leque de referências - por muitos anos. Já no início da década de 1970, um folheto publicitário de *The Bolsheviks and Workers' Control* (*Os bolcheviques e o controle dos trabalhadores*) se dirige àqueles que ainda eram trotskistas:

⁴⁴ Phil Mailer, *Portugal: The Impossible Revolution* (Londres: Solidarity (London), 1977), p. 14 (FWP, p. 190).

⁴⁵ Alexandra Kollontai, *The Workers' Opposition* [Londres: Solidarity, 1962], p. i.

COMRADES,
VOCÊ JÁ VIU (mais ou menos) O STALINISMO
AGORA SE LIVRE DE SUAS ÚLTIMAS ILUSÕES
NÃO É POSSÍVEL COMBATER A BUROCRACIA COM MÉTODOS
BUROCRÁTICOS
POR QUE SE APEGAR AOS MITOS LENINISTAS E TROTSKISTAS?
DEIXE OS MORTOS ENTERRAREM OS MORTOS
MAIS UM ESFORÇO PARA A DESMISTIFICAÇÃO TOTAL
... E A SE TORNAREM VERDADEIROS
REVOLUCIONÁRIOS⁴⁶

Um artigo que ele escreveu, como "Martin Grainger", para o grupo que logo se tornaria o SLL, na edição de seu semanário que celebrava o quadragésimo aniversário da Revolução Bolchevique, ilustra bem o automatismo intelectualmente empobrecido que era necessário. 'How They Took Power in Petrograd' (Como eles tomaram o poder em Petrogrado), uma cronologia sem fôlego 'de fevereiro a outubro', começa:

Bandeiras vermelhas apareceram em muitos prédios oficiais em fevereiro, mas, na realidade, pouca coisa mudou. Os ministros socialistas ocupavam o cargo com a permissão gentil das classes que eles alegavam ter derrubado, mas estavam assustados com o poder e os problemas que lhes foram repentinamente impostos.

Suas tradições sociais, sua incapacidade intelectual e sua escassa bagagem teórica ditavam que eles deveriam compartilhar esse poder com a burguesia.

Mas, ao fazer isso, eles assumiram a solução de tarefas insolúveis, pois os interesses do povo eram irreconciliavelmente opostos aos das classes proprietárias. A lógica interna da Revolução logo expôs todos aqueles que não conseguiram compreender esse fato essencial.

O otimista parágrafo final é igualmente banal:

Naquela noite, o novo Congresso de Sovietes de Deputados Operários e Soldados de toda a Rússia se reúne, elege uma liderança bolchevique e, na madrugada

⁴⁶ *Trotsky Revisited* (Londres: Solidarity [1972?]) (reticências no original).

de 8 de novembro, lança o primeiro de seus importantes apelos aos trabalhadores da Rússia e de todo o mundo. A pedra fundamental do poder proletário foi lançada⁴⁷.

Apenas três anos separam a piedade irrefletida desse artigo de quarta categoria do radicalismo subversivo de "Socialism Reaffirmed". No entanto, a passagem da ortodoxia do trotskismo para um libertarianismo inovador não é peculiar a Pallis e a alguns de seus companheiros Solidaristas na Grã-Bretanha. Na França, Castoriadis, Lefort e *Socialisme ou Barbarie* lideraram o caminho para o socialismo libertário; e Daniel Guérin mais tarde se transformaria em um anarquismo absoluto. Nos EUA, Murray Bookchin, que foi trotskista por muitos anos, tornou-se um pensador anarquista original e empolgante; e Dwight Macdonald já havia defendido um anarco-pacifismo criativo durante sua editoria de *política*. Também nos Estados Unidos, C.L.R. James, Raya Dunayevskaya e sua Tendência Johnson-Forrest adotaram um socialismo libertário distinto (como James continuou a fazer depois de ser deportado para a Grã-Bretanha em 1953). De fato, houve relações estreitas entre *Socialisme ou Barbarie* e a Johnson-Forrest Tendency por dez anos, Castoriadis contribuindo com James e Grace Lee para *Facing Reality* (1958)⁴⁸. Assim, o trotskismo teve uma capacidade impressionante de gerar alguns dos mais destacados anarquistas e socialistas libertários modernos, notáveis não apenas por seu pensamento novo, mas também por seu rigor teórico.

Não há dúvida de que a principal influência intelectual de Pallis é a de Castoriadis e apenas secundariamente sua dívida mútua, por maior que seja, com Marx. Entre 1961 e 1964, Castoriadis publicou em *Socialisme ou Barbarie* "Marxism and Revolutionary Thought" (Marxismo e Pensamento Revolucionário), no qual rompeu decisivamente com o marxismo. Em 1966, Pallis traduziu uma primeira parte desse texto substancial como "O destino do marxismo", que foi publicado inicialmente no *Solidarity* e posteriormente reimpresso pelo Solidarity (Clydeside) como um panfleto com o mesmo título. Em "The Fate of Marxism" (O destino do marxismo), Castoriadis argumenta:

⁴⁷ *Newsletter*, 7 de novembro de 1957. Consulte também uma longa carta de "Martin Grainger" sobre Freud na publicação irmã, *Labour Review*, III, no. 3 (maio-julho de 1958).

⁴⁸ Consulte Cornelius Castoriadis, "C.L.R. James and the Fate of Marxism" e "Three Letters", em Selwyn R. Cudjoe e William E. Cain (eds.), *C.L.R. James: His Intellectual Legacies* (Amherst, MA: University of Massachusetts Press, 1995); também Kent Worcester, *C.L.R. James: A Political Biography* (Albany, NY: State University of New York Press, 1996). Harry Cleaver, *Reading 'Capital' Politically* (Brighton: Harvester Press, 1979), pp. 45-9, 182-3, fornece um perfil útil da Tendência Johnson-Forrest.

Nos últimos quarenta anos, o marxismo se tornou uma *ideologia* no sentido pleno que o próprio Marx atribuiu a essa palavra. Tornou-se um sistema de ideias que se relaciona com a realidade não para esclarecê-la e transformá-la, mas, ao contrário, para mascará-la e justificá-la em abstrato.

Ele conclui: "Chegamos agora ao estágio em que nos deparamos com uma escolha: permanecer marxistas ou permanecer revolucionários". O comentário de Pallis é que esse texto está "fadado a enfurecer aqueles que nunca tiveram uma nova ideia própria", fazendo alusão a um de seus aforismos favoritos, aplicado a todas as seções da esquerda (não menos aos anarquistas) e atribuído em 1969 ao escritor vitoriano Walter Bagehot: "Uma das maiores dores da natureza humana é a dor de uma nova ideia"⁴⁹.

Um dos principais pontos fortes de Pallis é sua capacidade de saborear "a dor de uma nova ideia"; mas foi somente em 1972 que ele publicou outro trecho de "Marxism and Revolutionary Thought" (Marxismo e Pensamento Revolucionário) - e no qual, dessa vez, Castoriadis abandonou o materialismo histórico - como o panfleto *History and Revolution (História e Revolução)*. Pallis defendeu essa "crítica revolucionária do materialismo histórico", declarando: "Gostei de escrever este artigo. Em primeiro lugar, porque o descarte de uma ilusão é como o descarte de uma carga - a pessoa se move mais livremente sem ela. Em segundo lugar, porque ajudar a desmistificar os outros, longe de ser 'estéril', é... uma atividade frutífera em si mesma."⁵⁰ Ele explica:

Tanto em *Capitalismo moderno e revolução* quanto em *História e revolução*, Cardan exige que os revolucionários apliquem ao próprio marxismo uma das mais profundas percepções de Marx... que as ideias dominantes de cada época são as ideias de sua classe dominante. Marx escreveu em um período de plena ascendência burguesa. Teria sido um milagre ... se algumas ideias burguesas não tivessem permeado seus próprios escritos⁵¹.

Embora Pallis continue acreditando na validade contínua de características do marxismo como "a luta de classes, o conceito de mais-valia, a teoria da alienação, a importância dos fatores econômicos no desenvolvimento histórico, a necessidade de

⁴⁹ Paul Cardan, 'The Fate of Marxism', *Solidarity*, IV, no. 3 (agosto de 1966), pp. 15-16, 19 (ênfase de Cardan); M.B., 'Capitalism and Socialism: A Rejoinder', *Solidarity*, V, no. 8 (março de 1969), p. 24 (*FWP*, p. 111).

⁵⁰ Maurice Brinton, "On Unhistorical Materialism", *Discussion Bulletin*, no. 1 (Solidariedade [1971?]), p. 6.

⁵¹ *Ibid.*, p. 7.

desmistificar implacavelmente todas as ideologias", a economia marxista e a concepção materialista da história são, ao contrário, "suspeitas"⁵². Ele concorda com a identificação do "elemento alienígena (burguês)" na interpretação marxista da história. Para Castoriadis

O autor de "A história da burguesia", em seu livro "A história da burguesia", vê isso na tentativa de Marx e Engels de aplicar a toda a história humana certas categorias e relações que *não* são transcendentais (...) mas que são, *elas próprias*, o produto do desenvolvimento histórico e, mais particularmente, da ascensão da burguesia. Entre essas categorias e relações *históricas* (não-transcendentais), [ele] enfatiza duas: a noção da primazia da economia e o conceito de um certo padrão de interação (determinação) entre a "infraestrutura" econômica e a "superestrutura" ideológica. A retrojeção dessas categorias e padrões para outras áreas da história - com o objetivo de construir uma teoria universal e "científica" da história ... só pode ser alcançada ... por meio de uma violação sistemática dos fatos⁵³.

Ao apresentar *Redefining Revolution (Redefinindo a Revolução)* em 1974, Pallis explicou: 'Em uma reação química, não há elemento de escolha.... A água na chaleira não pode escolher não ferver quando a chaleira é colocada no fogo'. O "desenvolvimento social", entretanto, "não pode ser rebaixado ao nível de uma reação química".... *Há uma escolha* sempre que se trata de pessoas.⁵⁴ ' O positivismo, o determinismo e o marxismo são todos substituídos por um libertarianismo filosófico e pós-moderno: "Se uma teoria "científica" da história pode prever a história, não existe escolha genuína. Se não puder, então as interpretações "científicas" do passado estão sujeitas às mesmas limitações que uma previsão semelhante do futuro". Essa frase foi tirada da introdução da quarta parte de "Marxism and Revolutionary Thought", publicada como *History as Creation* em 1978. O que agora é central para Pallis (e Castoriadis) é a "criação genuína": "o ato de produzir... assuntos". Essa criação desempenha um papel importante na história, por "sua própria natureza", desafiando "os ditames da predeterminação"⁵⁵.

⁵² *Ibid.*, p. 13.

⁵³ *Ibid.*, p. 8 (ênfase de Pallis).

⁵⁴ Paul Cardan, *Redefining Revolution* (Londres: Solidarity (London) [1974]), p. 1 (*FWP*, p. 199) (ênfase de Pallis).

⁵⁵ Castoriadis, *History as Creation*, pp. 8-9 (*FWP*, pp. 203-4).

À medida que Pallis se emancipava cada vez mais dos grilhões do marxismo-leninismo - na forma do trotskismo - e, por fim, de qualquer forma de marxismo, ele se tornava correspondentemente criativo e ousado em seus textos. Embora tenha sido totalmente revelado durante a década de 1970, isso estava se tornando evidente no final da década de 1960. Já em 1965, ele podia celebrar "The Balkanization of Utopia":

Não há um único caminho para a utopia, nenhuma organização, profeta ou partido destinado a conduzir as massas à Terra Prometida. Não há um objetivo historicamente determinado, uma visão única de uma sociedade diferente e nova, uma panaceia econômica solitária que acabe com a alienação do homem em relação a seus semelhantes e aos produtos de sua própria atividade.

Ele chegou a concluir que essa é "a única garantia de que a "utopia", se chegarmos perto dela, valerá a pena viver", uma crença pluralista distante do trotskismo ou, de fato, do anarquismo de "luta de classes"⁵⁶.

Embora continuasse a acreditar, em 1972, que "nas sociedades industriais modernas, a consciência socialista brota das condições reais da vida social", ele passou a enfatizar a importância da esfera não econômica da exploração, como em "Capitalism and Socialism", de 1968:

... uma sociedade na qual as relações entre as pessoas são baseadas na dominação manterá atitudes autoritárias em relação ao sexo e à educação, atitudes que criam profundas inibições, frustrações e muita infelicidade.... Desde a mais tenra idade, o homem está sujeito a constantes pressões destinadas a moldar suas visões em relação ao trabalho, à cultura, ao lazer e ao próprio pensamento..... *A revolução socialista terá de abranger todos esses campos, e imediatamente, e não em um futuro distante.* É claro que a revolução deve começar com a derrubada da classe exploradora e com a instituição da administração da produção pelos trabalhadores. Mas ela terá de lidar imediatamente com a reconstrução da vida social em *todos os* seus aspectos. Se não o fizer, certamente morrerá⁵⁷.

⁵⁶ *Solidarity*, III, nº 9 (junho de 1965), pp. 5-6 (*FWP*, pp. 70-1).

⁵⁷ *As We Don't See It*, p. 29 (*FWP*, p. 161); *Solidarity*, V, no. 6 (dezembro de 1968), p. 18 (*FWP*, pp. 107-8) (ênfase de Pallis).

E, em 1970, ele introduziu em *The Irrational in Politics* o conceito extremamente importante de recuperação, que se originou com os situacionistas, explicando-o mais detalhadamente quatro anos depois em "The Malaise on the Left":

Nas últimas décadas, e em muitas áreas diferentes, a própria sociedade estabelecida trouxe à tona algumas das coisas que os revolucionários de ontem estavam exigindo. Isso aconteceu em relação às atitudes econômicas, em relação a certas formas de organização social e em relação a vários aspectos das revoluções pessoais e sexuais.

É legítimo, diz ele, referir-se a essa adaptação como "recuperação" quando ela de fato beneficia a sociedade estabelecida, contribuindo para sua continuidade como uma hierarquia exploradora⁵⁸.

A política de Pallis é totalmente anarquista: em sua análise da sociedade existente, em sua visão de uma sociedade socialista e nos meios que ele defende para chegar lá. Por outro lado, ele rejeitou resolutamente grande parte do anarquismo e se recusou a se descrever como qualquer tipo de anarquista. A filiação que o satisfazia era o "socialismo libertário". Uma série de questões o encheu de desprezo pela maioria das variedades de anarquismo. Embora ele destaque a necessidade de aceitar novas ideias e de complementar a emoção com a compreensão, ele comentou acidamente que "o abstencionismo anarquista em ambas as (...) áreas parece (...) ser tão antigo quanto as colinas". A maioria dos anarquistas se inclina para o insurrecionalismo de Bakunin ou para o comunismo de Kropotkin, mas Pallis, ao revisar *The Russian Anarchists* de Paul Avrich, não tem tempo para nenhum dos dois, considerando o primeiro como "confuso" (que é como ele também descreveria Proudhon) e um conspirador autoritário, e o segundo como um visionário romântico que ansiava por uma utopia pastoral, "alheio às forças complexas que atuam no mundo moderno"⁵⁹. Em contraste, ele aprova o anarco-sindicalista G.P. Maximoff e também Ida Maximoff. Maximoff, e também Ida Mett, a autora platformista de *The Kronstadt Commune*, que representa "o que há de melhor na tradição revolucionária do anarquismo de "luta de classes"": "Ela pensa em termos de uma solução coletiva e proletária para os problemas do capitalismo", em oposição à "rejeição da luta de classes, ao anti-intelectualismo, à preocupação com a

⁵⁸ M.B., *Authoritarian Conditioning, Sexual Repression and the Irrational in Politics*, pp. 25-6 (FWP, pp. 277-8); *Solidarity*, VII, no. 12 (novembro de 1974), p. 3 (FWP, p. 163). Compare também o penúltimo parágrafo de *Paris: May 1968* (Londres: Solidarity [1968]), p. 43 (FWP, p. 256).

⁵⁹ *Solidarity*, IV, nº 11 (janeiro de 1968), pp. 21-2, e IV, nº 12 [março de 1968], p. 15 (ambos reimpressos em FWP, pp. 86-7, 89); M.B., *Authoritarian Conditioning, Sexual Repression and the Irrational in Politics*, pp. 18-18a (FWP, p. 271).

moralidade transcendental e com a salvação pessoal que caracterizam muitos dos anarquistas de hoje"⁶⁰.

Há também a questão central da organização. Em sua introdução ao ensaio de Murray Bookchin, "On Spontaneity and Organization" (Sobre Espontaneidade e Organização), Pallis equipara o entendimento de Bookchin sobre "espontaneidade" com sua própria noção de "autonomia" - conforme desenvolvida em "*Solidarity*" (*Solidariedade*) e os *Neo-Narodniks* - concordando que "a espontaneidade não exclui a organização e a estrutura", mas que "produz formas não hierárquicas de organização". Embora seja, obviamente, uma falácia que o anarquismo e a organização sejam incompatíveis, alguns anarquistas sempre se opuseram à organização; e é compreensível, embora seja altamente lamentável, que Bookchin, que depois de muitos anos contestando os anarquistas anti-organizacionais e de "estilo de vida" - e compartilhando perspectivas teóricas e políticas muito semelhantes (bem como antecedentes) às de Pallis - tenha agora deixado de se autodenominar anarquista⁶¹.

Já foi mencionado que alguns dos melhores textos de Pallis consistem em suas descrições em primeira mão de grandes surtos de autoatividade popular. Ele esteve presente nos primeiros dias da greve geral belga de 1960-1 e, no final da década, publicou o amplamente lido *Paris: May 1968*. É notável que tenha sido por acaso que ele já estava na França por outros motivos e, portanto, pôde produzir os dois panfletos. Por outro lado, ele foi obrigado a tirar férias para visitar Portugal em 1975 e 1976 a fim de escrever dois diários portugueses. Era praticamente automático que ele deveria cobrir o Solidarnosc em 1980, mas ele não visitou a Polônia para fazê-lo⁶². Os temas comuns são a admiração pela criatividade das pessoas comuns em luta e o desprezo pela degeneração, pelo stalinismo e pela irrelevância política dos partidos comunistas, pela presunção vanguardista dos trotskistas e maoístas e pela corrupção e burocracia dos partidos e sindicatos social-democratas.

A partir de 1960, os artigos políticos e as traduções de Pallis apareceram em grande profusão durante vinte anos, mas depois de 'Suddenly This Summer', publicado

⁶⁰ Ida Mett, *The Kronstadt Commune* (Londres: Solidariedade, 1967), p. x (*FWP*, p. 81). Para ver as críticas de Nicolas Walter sobre *The Kronstadt Commune* e seu prefácio "excêntrico", consulte *Freedom*, 18 de novembro de 1967 ("The *Solidarity* School of Falsification") e 20 de novembro de 1971. Para mais discussões entre *Freedom* e *Solidarity*, consulte "Listen, Solidarist!" (*Freedom*, 12, 26 de setembro, 24 de outubro de 1970) e *Freedom*, 17 de abril de 1971.

⁶¹ Murray Bookchin, *On Spontaneity and Organization* (Londres: Solidarity (London), 1975), p. i (*FWP*, p. 133). Sobre o "*Solidariedade*" e os *neonardniks*, consulte *FWP*, pp. 117-31.

⁶² Para os textos em português e polonês, consulte *FWP*, pp. 179-86, 205-7.

em outubro/novembro de 1980, eles quase pararam completamente⁶³. Foi em 13 de outubro de 1980 que a BBC1 transmitiu a reportagem Panorama, "Transplants - Are the Donors Really Dead?" (Transplantes - Os doadores estão realmente mortos?), enfurecendo a profissão médica devido à sua irresponsabilidade e resultando em um declínio no número de rins doados para transplantes. Naquela época, a morte encefálica era um assunto pouco estudado na Grã-Bretanha, mas Pallis já tinha experiência em diagnosticá-la e foi contratado pelo *British Medical Journal* para escrever uma série de artigos sobre o assunto, posteriormente reunidos como *ABC of Brain Stem Death* (1983). Consequentemente, seu conceito e critérios para morte do tronco cerebral foram adotados internacionalmente e seu verbete posterior sobre "Morte" para a *Enciclopédia Britânica* é uma obra-prima de resumo histórico e médico⁶⁴.

O intelecto, o domínio da lógica e o entusiasmo carismático de Pallis fizeram dele um expoente extraordinário da neurologia clínica. Internacionalmente, ele foi provavelmente o professor de neurologia inglês mais conhecido de sua época, em virtude de seus muitos estagiários estrangeiros na Royal Postgraduate Medical School, que descobriram por meio dele que um campo tradicionalmente esotérico da medicina poderia ser simples na prática. Ele viajou muito, especialmente pela Ásia, sempre acompanhado por Jeanne, estudando doenças tropicais do sistema nervoso e as culturas nas quais elas ocorriam. Sua abordagem de pensamento livre é evidente em *The Neurology of Gastrointestinal Disease* (1974), uma monografia transdisciplinar escrita com Paul D. Lewis. No final de sua carreira, após concluir seu trabalho sobre morte do tronco cerebral, ele se tornou uma notável testemunha especializada em casos legais envolvendo questões neurológicas complexas⁶⁵.

Há muitas referências à "burocracia" e ao "burocrático" nos escritos políticos de Pallis. Seguindo Castoriadis, ele definiu a burocratização em 1965 como "a organização e o controle da atividade a *partir do exterior*" e uma burocracia, em 1975, como "um grupo que procura administrar a *partir do exterior* as atividades dos outros"⁶⁶. Se isso é burocracia, trata-se de uma característica perenemente recorrente das sociedades

⁶³ De fato, há apenas um outro artigo no *Solidarity*, "Castoriadis' Economics Revisited", de aproximadamente 1983, definitivamente escrito por Pallis. Fui informado de forma confiável por um de seus autores, Paul Anderson, que "Making a Fresh Start" e "About Ourselves 1-4", incluídos em *FWP*, pp. 209-15, 219-21, foram atribuídos erroneamente.

⁶⁴ C. Pallis e D.H. Harley, *ABC of Brainstem Death* (Londres: BMJ Publishing, 2ª ed., 1996), pp. viii-ix; Caroline Richmond, 'Obituary: Chris Pallis', 16 de abril de 2005, <http://bmj.bmjournals.com>.

⁶⁵ Agradeço a Paul Lewis por esse parágrafo.

⁶⁶ Cardan, *Modern Capitalism and Revolution*, p. ii (*FWP*, p. 66); Maurice Brinton, "Factory Committees and the Dictatorship of the Proletariat", *Critique* (Glasgow), no. 4 (primavera de 1975), p. 85 (*FWP*, p.174). (As ênfases são de Pallis.) Cf. Cardan, *Modern Capitalism and Revolution*, p. 3.

humanas e que também deve ser resistida perenemente. Mas pelo que ela deve ser substituída? É em "The Malaise on the Left" (O mal-estar na esquerda), de 1974, que Pallis descreve o socialismo como "a criação de formas de vida que permitirão a todos - livres de restrições externas ou inibições internalizadas - atingir sua plena estatura, realizar-se como seres humanos, divertir-se, relacionar-se uns com os outros sem pisar em ninguém". Dois anos depois, ele perguntou: "É possível imaginar um socialismo que valha a pena ser vivido sem indivíduos, coletividades e instituições autogerenciadas?"⁶⁷ Desde a década de 1970, houve grandes mudanças econômicas, sociais e políticas em todo o mundo, mas a visão de Pallis de uma sociedade livre e não hierárquica continua tão válida e necessária como sempre foi.

⁶⁷ *Solidarity*, VII, nº 12 (novembro de 1974), p. 10 (*FWP*, p. 168); Mailer, *Portugal*, p. 21 (*FWP*, p. 195).